

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum

Aline Ferreira Antunes
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2021

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum

Aline Ferreira Antunes
(ORGANIZADORA)

Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

istock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Arinaldo Pereira da Silva – Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Jayme Augusto Peres – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Daniela Reis Joaquim de Freitas – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Fernanda Miguel de Andrade – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa da Fontoura Custódio Monteiro – Universidade do Vale do Sapucaí
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Welma Emidio da Silva – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Profª Drª Ana Grasielle Dionísio Corrêa – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Sidney Gonçalves de Lima – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angéli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo
Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Profª Ma. Adriana Regina Vettorazzi Schmitt – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alessandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Amanda Vasconcelos Guimarães – Universidade Federal de Lavras
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Carlos Augusto Zilli – Instituto Federal de Santa Catarina
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará

Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Edson Ribeiro de Britto de Almeida Junior – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Prof. Me. Francisco Sérgio Lopes Vasconcelos Filho – Universidade Federal do Cariri
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Alborno – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Lilian de Souza – Faculdade de Tecnologia de Itu
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Me. Luiz Renato da Silva Rocha – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos

Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Prof. Me. Marcos Roberto Gregolin – Agência de Desenvolvimento Regional do Extremo Oeste do Paraná
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Dr. Pedro Henrique Abreu Moura – Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Rafael Cunha Ferro – Universidade Anhembí Morumbi
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renan Monteiro do Nascimento – Universidade de Brasília
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Sullivan Pereira Dantas – Prefeitura Municipal de Fortaleza
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Universidade Estadual do Ceará
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Ciências humanas: uma nova interpretação para um conceito comum

Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Flávia Roberta Barão
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os autores
Organizadora: Aline Ferreira Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C569 Ciências humanas: uma nova interpretação para um conceito comum / Organizadora Aline Ferreira Antunes. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-5983-257-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.576210807>

1. Ciências humanas. I. Antunes, Aline Ferreira (Organizadora). II. Título.

CDD 101

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, desta forma não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

Esta é mais uma obra da Atena Editora feita com vistas a temas transversais e interdisciplinares. Cada capítulo é uma contribuição diferente à ciência brasileira e sul americana, contando com trabalhos inclusive sobre a Amazônia Boliviana e o Peru.

Além disto, ensino, matemática, história, filosofia e direito também estão presentes nesta obra, seja apresentando projetos desenvolvidos, ou reafirmando a importância dos já em curso no Brasil, como o PIBID.

Encontramos também um artigo que pensa o ensino virtual e sua complexidade, diante de uma pandemia que nos força a modificarmos e repensarmos nossa vida pessoal e profissional, sobretudo no campo da educação, o que demonstra, além da importância da divulgação de tais pesquisas, a própria problematização do tema.

Capítulos dedicados à exploração da temática memória e identidade, cidade e urbanização, subjetividade, dentre outros, estão aqui presentes, bem como sobre tensões identitárias, e temas que são cada vez mais urgentes como as subjetividades negras e a necessidade urgente de igualdade de gênero.

Esta obra em específico apresenta dois artigos que discutem a medicina alternativa do Reiki e outro que problematiza o uso medicinal da *Cannabis sativa*. Isto é, todos os temas aqui presentes são atuais, altamente articulados com as discussões científicas nacional e internacionalmente.

É neste amplo *hall* de assuntos que convidamos vocês a prestigiarem cada capítulo e suas discussões teórico-metodológicas. Esperamos que tais trabalhos possam inspirar mais e mais publicações como um ato de resistência ao sucateamento e ataque às pesquisas científicas, às universidades e à educação de maneira geral.

Boa leitura!

Aline Ferreira Antunes

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

O ENSINO VIRTUAL E SUA COMPLEXIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

Maria Geni Pereira Bilio

Leyze Grecco

Ana Mary Bilio Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108071>

CAPÍTULO 2..... 10

PROJETO CARIÑO: CRIAÇÃO E DESENVOLVIMENTO DA MARCA COMO INSTRUMENTO DE COMUNICAÇÃO EMOCIONAL

Letícia Cabral da Silveira Sanches

Nicole Curtinovi Martins

Anerose Perini

Carmen Maria de Quadros Galvão

Luiza Trapp da Silva

Luciana Flores

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108072>

CAPÍTULO 3..... 23

MAPEAMENTO DE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO ALTO/MÉDIO JEQUITINHONHA-MG

Aderval Costa Filho

César Augusto Fernandes Silva

Edivaldo Ferreira Lopes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108073>

CAPÍTULO 4..... 40

OBSCURECIDOS: A REPRESENTAÇÃO DOS POVOS NEGROS E INDÍGENAS, AS IDENTIDADES CULTURAIS BRASILEIRAS E O ENSINO DE HISTÓRIA

Evelyn de Souza Santiago Candido da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108074>

CAPÍTULO 5..... 51

EFEITO AUTORREFLEXIVO DAS OBRAS CINEMATOGRAFICAS E SUA IMPORTÂNCIA PARA O DIREITO

Ronaldo Blecha Veiga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108075>

CAPÍTULO 6..... 64

A VIDA VIRTUOSA COMO CONDIÇÃO PARA A FELICIDADE SEGUNDOARISTÓTELES

Brucily Vieira de Carvalho

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108076>

CAPÍTULO 7	72
A DIALÉTICA DO PROGRESSO EM ADORNO	
Lívia Santos Brisolla	
Luís César de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108077	
CAPÍTULO 8	82
TENSÕES IDENTITÁRIAS: INSTRUMENTO TERMINOLÓGICO E QUESTÃO RACIAL	
Miriam Gontijo de Moraes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108078	
CAPÍTULO 9	95
NEGRAS E NEGROS NAS MARCAS DISCURSIVAS DE CANTIGA DE CAPOEIRA	
Lúcia Jacinta da Silva Backes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.5762108079	
CAPÍTULO 10	102
NEGRAS, NEGROS, SUBJETIVIDADES EM MOVIMENTO	
Maria das Graças Gonçalves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080710	
CAPÍTULO 11	116
DA PROTEÇÃO DA MULHER NO DIREITO CONSTITUCIONAL BRASILEIRO E A IGUALDADE DE GÊNERO FRENTE AO PRINCÍPIO DA ISONOMIA	
Fernanda Xavier de Souza	
Márcia Schlemper Wernke	
Camila Stefanos Oselame	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080711	
CAPÍTULO 12	130
A DEMOCRATIZAÇÃO DOS SIGNOS PARA LEITURA MUNDO E SUJEITO SOCIAL	
Marcilma Rossilene de Carvalho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080712	
CAPÍTULO 13	141
MEMÓRIAS DE APRISIONAMENTO: DISCUTINDO O CONCEITO DE INSTITUIÇÃO TOTAL À LUZ DE UMA INSTITUIÇÃO PSQUIÁTRICO-PENAL	
Randiza Santis Lopes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080713	
CAPÍTULO 14	149
DIREITO À CIDADE, PARTICIPAÇÃO POPULAR E URBANIZAÇÃO: NOTAS INTRODUTÓRIAS PARA UM DEBATE NECESSÁRIO	
Thalita Alves Silva Ribeiro	
Priscylla de Freitas Cavalcante	

Jorge Vinícios Silva Gondim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080714>

CAPÍTULO 15..... 163

O PAC NO MUNICÍPIO DE COLOMBO-PR: O PROJETO DE URBANIZAÇÃO DO JARDIM MARAMBAIA

Flávia Iankowski Claro Pereira

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080715>

CAPÍTULO 16..... 180

ANÁLISE DO DESEMPENHO EDUCACIONAL SOB ASPECTOS FAMILIARES UTILIZANDO DADOS DO SARESP

Bruna Christina Battissacco

Camila Fernanda Bassetto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080716>

CAPÍTULO 17..... 193

A GASTRONOMIA COMO PRÁTICA PEDAGÓGICA INOVADORA NO PROCESSO ENSINO APRENDIZAGEM DE MATEMÁTICA

Ana Carolina Leite Gomes

Marlon Martins Moreira

Richarlisson Henrique Pinheiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080717>

CAPÍTULO 18..... 203

A TRANSVERSALIDADE COMO MÉTODO PARA ABORDAGEM DE ASSUNTOS ATUAIS: *Aedes aegypti*

Lívia Paschoal Tancler

Amanda Thaís Godoy

Camila Maria Munhoz Felipe

Lílian Sauer Albertini

Valdir Gonzalez Paixão Júnior

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080718>

CAPÍTULO 19..... 207

FUNCIONAMENTO DO REIKI E DO CAMPO ENERGÉTICO HUMANO: UM DIÁLOGO ENTRE WILHELM REICH, KI E FÍSICA QUÂNTICA

Victor Pfister Lacerda Moreira

Diana Pancini de Sá Antunes Ribeiro

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080719>

CAPÍTULO 20..... 224

LEGALIZAÇÃO DO USO MEDICINAL DA *CANNABIS SATIVA*: UMA QUESTÃO DE DIGNIDADE HUMANA

Caroline Leite de Camargo

Celany Queiroz Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080720>

CAPÍTULO 21.....239

SERINGAIS NATIVOS DO RIO MAMU: PAISAGEM CULTURAL E IDENTIDADE NA FLORESTA PANDINA BOLIVIANA

Francisco Marquelino Santana

Josué da Costa Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080721>

CAPÍTULO 22.....247

A PARTICIPAÇÃO DO CONGRESSO NA FORMULAÇÃO DE POLÍTICA EXTERNA DO PERU

Tainá Dutra de Assumpção

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080722>

CAPÍTULO 23.....256

OS REFLEXOS DA VIDA E OBRA DE DARWIN CONTEXTUALIZADOS EM UMA TERTÚLIA DIALÓGICA

Sheila Pires dos Santos

Shirley Pires de Souza dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.57621080723>

SOBRE A ORGANIZADORA.....266

ÍNDICE REMISSIVO.....267

CAPÍTULO 7

A DIALÉTICA DO PROGRESSO EM ADORNO

Data de aceite: 01/07/2021

Data de submissão: 01/06/2021

Lívia Santos Brisolla

Faculdade Araguaia

Goiânia – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/1644295636972332>

Luís César de Souza

Universidade Federal de Goiás/Regional Jataí

Jataí – Goiás

<http://lattes.cnpq.br/1480252698796928>

RESUMO: As reflexões aqui desenvolvidas aprofundam sobre a dialética do progresso a partir do pensamento de Theodor Adorno. Busca-se as aproximações e distanciamentos entre progresso e regressão na complexa engrenagem que, no processo de domínio da natureza, promovem o avanço de habilidades e conhecimentos técnicos. Assim, apresenta-se a crítica adorniana ao positivismo contido na concepção de progresso. Theodor Adorno parte do entendimento de que, na sociedade atual, a crítica à noção de progresso deve ser permanente para se compreender por que a humanidade, em vez de entrar num estado de esclarecimento, recai frequentemente em barbárie.

PALAVRAS-CHAVE: Progresso. Barbárie. Regressão.

THE DIALECTIC OF PROGRESS IN ADORNO

ABSTRACT: The reflections developed here deepen on the dialectic of progress from Theodor Adorno's thinking. Approaches and distances between progress and regression are sought in the complex gear that, in the process of domain of nature, promote the advancement of skills and technical knowledge. Thus, the Adornian critique of positivism contained in the conception of progress is presented. Theodor Adorno starts from the understanding that, in today's society, the criticism of the notion of progress must be permanent in order to understand why humanity, instead of entering a state of enlightenment, often falls into barbarism.

KEYWORDS: Progress. Barbarism. Regression.

1 | INTRODUÇÃO

Outhwaite e Bottomore (1996), em *Dicionário do pensamento social do Século XX*, explicam que a ideia de progresso surgiu na Inglaterra, no século XVII, a partir dos grandes avanços no campo da arquitetura e da engenharia. Neste contexto, a ideia de progresso era otimista, com fé no valor supremo da mudança. Esse otimismo emergiu com base em três invenções: a bússola, a pólvora e a imprensa, como um grande “empreendimento, mobilizando oficinas, laboratórios etc., que propiciasse à espécie humana um conhecimento da natureza altamente ampliado e corrigido, e pusesse fim à estagnação de

muitos séculos” (p. 614).

A ideia de progresso tornou-se mais contundente com Francis Bacon (1561 – 1623) e René Descartes (1596 – 1650) que, a partir de olhar um investigativo dos acontecimentos, começaram a delinear o modo de produzir conhecimento. Sob esse prisma, Francis Bacon, considerado pai da experimentação científica, apresentou métodos de observação e experimentação para se chegar ao conhecimento, um saber submetido à vontade do homem. Descartes, em sua obra *Discurso do Método*, se opôs tanto à filosofia aristotélica vigente na Idade Média quanto à fé religiosa. Assim, propôs um método analítico ancorado na dúvida como parâmetro para o raciocínio, uma nova forma de chegar ao conhecimento seguro com a aplicação do método científico.

As ideias de Bacon e Descartes, no início da era moderna, foram imprescindíveis para alavancar o pensamento científico. Nota-se que esse novo procedimento racional de produzir conhecimento constituiu a base da ciência moderna e, mais tarde, especialmente no século XIX, do pensamento positivista, que postulava compreender os fatos de forma objetiva, com a aplicação de um método científico. O positivismo afastou o caráter duvidoso, incerto e contraditório do conhecimento para ceder lugar ao formalismo lógico, à neutralidade e ao alegado rigor nas investigações científicas.

Associada ao pensamento científico, a noção de progresso se fez presente no imaginário social como itinerário que levaria à libertação do homem de procedimentos obscurantistas e atrasados. Essa liberdade, que pressupunha livrar os homens dos grilhões da ignorância e proporcionar melhores condições de vida, transformou-se em cenário para a confiança do homem na sua própria capacidade em “saber de tudo” e solucionar todos os problemas pelo uso da razão. Nessa atmosfera, o progresso converteu-se em um ideal que deixa de lado o valor moral e espiritual e cede lugar aos métodos objetivos de uma razão que foi instrumentalizada com todas as consequências éticas, sociais e políticas para o sujeito.

Como consequência, o sujeito, conduzido pelo pensamento objetivo, tende a romper com os vínculos que possibilitariam aquela condição de liberdade, uma vez que a essência da vida humana se limita à funcionalidade instrumental. Destarte, ainda que o progresso seja portador das premissas da razão, sucumbe sua dimensão libertadora e, neste movimento, evoca, no interior da própria razão, a sua dimensão irracional. Essa é a questão preponderante acerca da dialética do progresso que Adorno, mesmo não tendo tratado exaustivamente sobre o tema, nos provoca a refletir. Trata-se de uma sociedade justificada pelo progresso técnico-material que potencialmente é capaz de melhorar a vida humana, tornando-a mais confortável e segura. Contudo, contraditoriamente, produz infindáveis situações de desigualdade social, violência e pobreza, exigindo interrogar o progresso que perpassa o imaginário social em relação ao desenvolvimento tecnológico e material.

Essa problematização guarda relação direta com uma contradição formulada por

Horkheimer e Adorno (1985), no contexto da preponderância do nazifascismo europeu, qual seja: por que a humanidade, em vez de entrar em um estado de esclarecimento, ainda recai na barbárie? Pela densidade de suas análises, os frankfurtianos, na esteira da problematização da dialética do esclarecimento, nos instigam a pensar sobre a dialética do progresso, a fim de superar a percepção e o discurso reducionistas de que o progresso evolui sempre em direção à melhoria da vida humana.

2 | A DIMENSÃO REGRESSIVA DO PROGRESSO

É inegável o avanço da ciência em todas as áreas do conhecimento: na engenharia com projetos de urbanização e modos de produção necessários à sociedade; na medicina com a descoberta de remédios e tratamentos que salvam vidas, e na educação com uma formação crítica e emancipatória. Entretanto, atrelado a esses avanços, contraditoriamente, emergem-se guerras, armas químicas, altas taxas de desemprego, desigualdade social e populações em condições de miséria. Se, de um lado, a ciência oferece respostas que deveriam beneficiar a vida humana, de outro crescem formas irracionais de relacionamento entre os homens e destes com a natureza. Adorno (1995a, p. 105) captou esse movimento na sociedade moderna que, ao arquitetar “a civilização engendra por si mesma o anticivilizatório e o reforça progressivamente”. Ao tempo em que se vislumbra o progresso humano, nesse movimento também se observa a regressão da humanidade.

Por regressão da humanidade, Horkheimer e Adorno (1985) explicam que significa um processo de barbarização crescente, levado a cabo pela própria civilização esclarecida. Esse processo é produzido por uma ordem social ancorada sob as bases de uma racionalidade técnica, em que, segundo Lastória (2001, p. 69), “os traços ‘arcaicos’ ainda remanescentes da violência mítica podem ser controlados e/ou resolvidos pelos dispositivos tecnológicos e pelo exercício do Direito”.

De acordo com os autores, a concepção de razão é dialética: é meio de libertação e, também, instrumento de opressão, o que sinaliza que há tantos elementos para emancipação como para barbárie, em um movimento de autodissolução. É uma relação que inclui perceber a indissociabilidade entre sujeito e objeto, teoria e prática, universal e particular, no âmago da análise crítica da sociedade pelo viés da teoria crítica frankfurtiana. Numa palavra, a dialética do esclarecimento exige o entendimento de que, em seu percurso, está presente tanto o progresso quanto a regressão.

Pensar o progresso exige considerar os interesses e as estratégias de poder, a partir dos conhecimentos históricos, políticos, econômicos e sociais. Horkheimer e Adorno (1985) registram que o conhecimento, ao se submeter aos parâmetros da lógica formal, se converte em poder e gera objetividades coercitivas no terreno social, capazes de conferir uma carga de conceitos que passam a ocupar lugar privilegiado. Assim “como a razão que se desvia de sua finalidade emancipatória renuncia a sua realização, o progresso

tecnológico que dela é o meio privilegiado transforma-se em progresso do poder quando se autonomiza com relação aos fins que deve servir” (LOWY; VARIKAS, 1992, p. 209). Isso revela o entrelaçamento entre poder e progresso, uma vez que:

a adaptação ao poder do progresso envolve o progresso do poder, levando sempre de novo àquelas formações recessivas que mostram que não é o malogro do progresso, mas exatamente o progresso bem-sucedido que é o culpado de seu próprio oposto. A maldição do progresso irrefreável é a irrefreável regressão (HORKHEIMER; ADORNO, 1985, p. 41).

Esse é o preço que os homens pagam pelo crescimento de seu poder, pois, como afirmam os frankfurtianos, o caráter instrumental e totalitário que a razão assume é vangloriado enquanto estrutura universal do pensamento que conduz a um processo que se diz civilizatório. A dialética entre progresso e regressão se reverbera em uma sociedade em que os sujeitos apoiam as condições para que a barbárie continue sendo reproduzida.

Ainda sobre a dialética do progresso, os pensadores alemães apresentam duas prerrogativas fundamentais: a manipulação da consciência individual e coletiva pela indústria cultural e o desenvolvimento da técnica e da ciência, associado à barbárie nazista, revelando a existência de um potencial de desumanização na própria raiz do progresso. Ambas as prerrogativas fortalecem a barbárie, uma vez que perpetuam o estado de razão instrumental e instrumentalizam a vida e as relações entre as pessoas por meio de um acentuado poder sobre a formação de percepções, interesses e comportamentos alinhados ao progresso técnico e científico na sociedade capitalista.

O esclarecimento que possibilitou o avanço no modo de vida das pessoas foi o mesmo que criou as bases para a barbárie. Não se pode desconsiderar que, apesar do desenvolvimento técnico-científico permitir a produção do conhecimento e da riqueza em larga escala, relativamente são poucos aqueles que usufruem desses benefícios. Isso ocorre porque, na sociedade capitalista atual, predominam-se condições objetivas de existência sustentadas na exploração e alienação do trabalho e da vida humana.

Nas reflexões contidas no texto “Educação contra a barbárie”, Adorno (1995b) associa a influência do progresso técnico à reificação das consciências. A essa realidade complexa corresponde um processo de regressão à barbárie, uma vez que, do lado objetivo, racional, há um avanço do conhecimento. Porém, do lado subjetivo, emocional, é possível identificar um retrocesso. O pensador frankfurtiano, apoiado em ensinamentos da teoria freudiana, relaciona a barbárie a uma regressão instintual do indivíduo, ligada à violência primitiva que decorre da explosão do instinto de agressividade que constitui a individualidade humana. Na busca por delinear melhor o fenômeno da barbárie, Adorno (1995b, p. 159) considera que ela “existe em toda parte em que há uma regressão à violência física primitiva, sem que haja uma vinculação transparente com objetivos racionais na sociedade, onde exista, portanto, a identificação com a erupção da violência física”. Neste sentido, a discussão sobre o progresso não deve desprezar os momentos e episódios de regressão que acometem

a civilização, pois é na direção de superação da barbárie que o progresso, assim como o esclarecimento, também se apresenta.

A fetichização da técnica e a coisificação da consciência conduzem a um estado de desumanização. Deste modo, em nome do progresso, os técnicos em geral são capazes de desenvolver grandes projetos e, não raro, estes projetos se associam mais ao quadro de regressão humana. Para ilustrar essa contradição, Adorno (1995a) nos lembra que:

o fetichismo da técnica se apodera da psicologia dos indivíduos, onde está o limiar entre a relação racional com a técnica e aquela supervalorização que leva, por fim, a quem inventa um sistema de transporte para conduzir sem tropeços e com a maior rapidez possível as vítimas a Auschwitz, a esquecer qual é a sorte que as aguarda ali (ADORNO, 1995a, p.18).

Também, nas reflexões em torno do célebre texto “Educação após Auschwitz”, Adorno (1995a) expõe a barbárie vivida na Alemanha no século XX e adverte como a ausência de consciência colabora para o enfraquecimento das relações sociais, no sentido do não reconhecimento do outro. Neste contexto, conduz a um processo que pode levar à barbárie, tal como ocorreu na Segunda Guerra Mundial. Ao mesmo tempo, defende o quão é imprescindível a educação como antídoto que pode colaborar para que Auschwitz não aconteça novamente.

Os campos de concentração e as guerras com bomba de destruição em massa, além de explicitarem a condição recaída da civilização na barbárie, revelam também o alcance do potencial de autoaniquilamento, engendrado por esta mesma civilização. São os resultados das conquistas irrefletidas advindas da ciência e da tecnologia que levam a uma eficiente subjugação e destruição do homem pelo próprio homem. Adorno (1995a, p. 105) lembra que Auschwitz não pode ser reduzido a um simples acontecimento local e isolado, como se fosse uma “aberração no curso da história, irrelevante em relação à grande tendência ao progresso, do esclarecimento da humanidade, presumidamente evoluída”. O fato de Auschwitz ter ocorrido demonstra a tendência social poderosa contra a qual os homens precisam enfrentar para direcionar os avanços do progresso na direção dos anseios da humanidade.

A barbárie continua existindo em meio ao progresso e se alastra por todo o mundo. Por todos os lados assiste-se à barbárie humana. Por anos a guerra perdura em muitos países do oriente e pouco se discute a esse respeito. Isso mostra que, embora haja tentativas de negar a violência, o que se observa é que, ao longo da história, ela tem participado da civilização. A violência se manifesta com maior ou menor intensidade em virtude do modo de produção e da forma de organização em uma sociedade determinada, e essa vinculação tem se tornado cada vez menos evidente. Na verdade, ela é frequentemente negligenciada nos discursos sociais e deve deixar de existir se as pessoas desejam, com toda sinceridade, superar a violência e a barbárie que acompanham o progresso da civilização. Conforme grita nos nossos ouvidos o autor frankfurtiano, “se a barbárie está no próprio princípio da

civilização, então a luta contra esta tem algo de desesperador” (ADORNO, 1995a, p. 120). O reconhecimento desse desespero constitui, também, uma atitude que pode colaborar para recolocar o curso do progresso em direção aos princípios da humanidade.

Os avanços percorridos pelo crescimento social, econômico e político dos grandes países, em virtude de conquistas territoriais, tecnológicas e científicas, não garantiram o avanço humano. Pelo contrário, perpetuaram um processo de desumanização visível, e o preço pago pelo desenvolvimento tem sido a destruição da própria natureza, num processo alienante, exploratório e violento. Essa contradição, no entendimento dialético de Adorno (1995a), revela que, à medida que o progresso avançou, aumentou também, e cada vez mais, o poder de destruição do homem sobre o próprio homem e sobre a natureza.

3 | A DIALÉTICA DO PROGRESSO POR ADORNO

Adorno não tratou de uma crítica extensiva acerca do progresso. No entanto, discutiu sua noção de forma problematizada, exibindo “as contradições e antinomias, os perigos e as promessas implicadas no progresso. Trabalhando por tensões internas, seu pensamento não repousa jamais e não pode satisfazer-se com nenhuma conclusão” (LOWY; VARIKAS, 1992, p. 215). Um dos poucos escritos do frankfurtiano sobre o progresso advém de uma conferência realizada no Congresso Filosófico de Münster, em 1962, publicada, alguns anos depois, no livro *Argumentationen Festchrift für Josef König*. Nessa conferência, Adorno adverte sobre os perigos de simplificar a noção de progresso mediante a aceitação da ideia de que as coisas devem, obrigatoriamente, caminhar em direção ao avanço e ao desenvolvimento de algo específico, desconsiderando-se os aspectos lógicos e contextuais do momento histórico.

Uma das questões denunciadas por Adorno é a identificação imediata entre progresso e história, pois pode obstruir a reflexão sobre as faces contraditórias do progresso na própria história da humanidade. O problema é o discurso universal sobre o progresso, proferido pela própria sociedade no âmago do pensamento ocidental. A noção reducionista e generalizada do termo é empregada como uma ideia evidente por si mesma. Contudo, o progresso não deve ser confundido com o conceito de evolução e nem rebaixado às explicações em nível de senso comum. Ou seja, não deve ser pensado de forma linear em direção a um fim:

Como quaisquer outros, estes também remetem a algo em comum. O que, no momento, deve entender-se por progresso, sabe-se, de forma vaga, mas segura: por isso mesmo não se pode empregar o conceito de forma suficientemente grosseira. Seu uso pedante defrauda apenas naquilo que promete: resposta à dúvida e esperança de que finalmente as coisas melhorem, de que, enfim, as pessoas possam tomar alento (ADORNO, 1995a, p. 38).

O conceito de progresso reivindica uma análise que busque demonstrar suas reais

intenções. Caso contrário, poderá ser utilizado de forma simplificada, a ponto de se tornar resposta da promessa, como forma ideológica e propulsora da alienação e da dominação, podendo, pelo seu caráter ambíguo, ser utilizado para transmitir falsas promessas. Pensar o conceito de progresso implica estabelecer a crítica com a sociedade, a cultura e a história, com os quais ele guarda uma relação dialética: não deve ser pensado sem eles e ao mesmo tempo também não deve se limitar a eles. Nas palavras de Adorno (1995a, p. 44), sem articulação com a sociedade, “sua representação seria completamente vazia; dela derivam todos os seus elementos”, porém, adverte: “não obstante, o progresso não se esgota na sociedade”.

Como exemplo, o autor cita a burguesia como incentivadora e reprodutora da ideia de progresso para a sociedade em geral. Essa classe, mesmo distante da política e do poder não deixou de anunciar a ideia de progresso como expressão de ordem, a fim de justificar a necessidade de transformações estruturais que abarcavam as já ocorridas na própria dinâmica social e econômica. Adorno (1995a, p. 60) sintetiza essa contradição na seguinte reflexão: “onde a sociedade burguesa satisfaz o conceito que ela mesma cria, não conhece progresso; onde o conhece, infringe sua lei, na qual está contido o delito, e perpetua a injustiça com a desigualdade sobre a qual deveria elevar-se o progresso”. Assim, sob influência da classe burguesa no poder, é possível entender por que a ideia de progresso se transmutou em ideologia.

Esse conceito é complexo porque exige a compreensão de sua constituição histórica, pois como anota Adorno (1995a, p. 37), “o conceito de progresso, mais ainda que outros, desfaz-se com a especificação daquilo que propriamente se quer dizer com ele: o que progride e o que não progride”. Sendo assim, definições fechadas e lineares simplificam, aprisionam e obstruem a identificação da multiplicidade de determinações que constituem o progresso.

É preciso superar o fetichismo do progresso, isto é, o encantamento mágico com a ideia de que o progresso segue sempre em direção aos avanços e benefícios para o homem e a sociedade. Neste sentido, é indispensável um olhar atento que se afaste do encantamento de si mesmo e da fetichização criada para perpetuá-lo ideologicamente. O conceito fetichizado fortalece seu particularismo e sua limitação às técnicas e escancara, no entendimento de Adorno (1995a), a contradição da arrogância do conhecimento que confia na exatidão, na qual, por essência, o que há é movimento e múltiplas influências sobre o fenômeno.

O autor frankfurtiano também recorda que o “conceito de progresso é filosófico na medida em que, enquanto articula o movimento social, ao mesmo tempo se lhe contrapõe. Surgido socialmente, ele reclama uma confrontação crítica com a sociedade real” (ADORNO, 1995a, p. 44). Com isso, não busca uma definição exata, uma vez que, por coerência, não poderia limitar seu conceito, sua percepção e seu significado. A reflexão de Adorno não fica restrita à ontologia que poderia levar ao entendimento polarizado de

ascensão ou decadência da sociedade, pelo contrário, a partir de sua análise dialética, sinaliza em direção às origens e às consequências dessas duas frentes no âmbito histórico, desencadeadas pela própria essência do progresso. Precisamente aqui, é necessário perceber sua ambiguidade: ao afirmá-lo, somos obrigados a negá-lo, isto é, sob o prisma do olhar dialético adorniano, se negam e se afirmam, ao mesmo tempo, o avanço e a regressão. Assim como ocorre na dialética do esclarecimento, também aqui se identifica a dupla face do progresso: emancipação e barbárie.

O conceito de progresso expõe, sob essa compreensão, um caráter contraditório: possibilidade emancipatória e, também, de retrocesso. Portador dessas duas dimensões, ele carrega em si mesmo a possibilidade de superação e regressão, pois sob o princípio da contradição dialética, compreende-se que a “pressão da negatividade produz a possibilidade do que se libera” (ADORNO, 1995a, p. 50). Considerando-se essas duas dimensões, percebe-se o potencial emancipatório para sair das amarras da dominação e da exploração, mesmo diante do desenvolvimento e do fetichismo da técnica; na verdade, esse reconhecimento permite questionar sua própria (ir)racionalidade.

Assim, o progresso não pode ser pensado como um simples avanço linear e unilateral, isto é, não pode ser compreendido por uma via unidimensional. Adorno é taxativo ao demonstrar a incongruência de pensá-lo a partir da simples consideração do desenvolvimento técnico pela civilização. Para ele, e em consonância com reflexões e advertências que remontam a Walter Benjamin, qualquer olhar sob o progresso demanda essencialmente vinculá-lo na direção do progresso da humanidade (LOWY; VARIKAS, 1992).

Para tanto, é necessário indagar o progresso do que, para que e em relação a que. Se o desenvolvimento técnico-científico não corresponde, necessariamente, ao progresso da humanidade, “é impossível aceitar qualquer progresso como se a humanidade já existisse como tal e, portanto, pudesse progredir. Pelo contrário, o progresso seria a geração de humanidade, perspectiva que se abre pela via da extinção” (ADORNO, 1995a, p. 40). Aqui, reafirma-se a necessidade de reflexão sobre os rumos da humanidade e as possibilidades de evitar a recaída na barbárie e na destruição. Na análise de Adorno (1995a), o

progresso não é uma categoria conclusiva. Ele quer atrapalhar o triunfo do mal radical, não triunfar em si mesmo. Pode-se imaginar um estado no qual a categoria perca seu sentido e que, no entanto, não seja este estado de regressão universal que hoje se associa com o progresso. Então o progresso transformar-se-ia na resistência contra o perdurável perigo de recaída. Progresso é esta resistência em todos os graus, não o entregar-se à gradação mesma (ADORNO, 1995a, p.61).

Na ciência moderna, progresso é sinônimo de conquista, de desenvolvimento material e, sobretudo, de melhores condições de vida. Todavia, segundo Horkheimer e Adorno (1985, p. 43), na “medida em que cresce a capacidade de eliminar duradouramente toda miséria, cresce também desmesuradamente a miséria enquanto antítese da potência

e impotência”. Por isso, a recusa dos frankfurtianos em dissociar progresso técnico do progresso humano, nem tampouco (con)fundir-los, é coerente com as análises que envolvem a concepção ética da dialética do esclarecimento, qual seja: afirmar e, ao mesmo tempo, negar o progresso. O reconhecimento dessa contradição abre caminho para interrogar a própria essência que o constitui e, também, acena para os riscos e as consequências que advêm das definições imediatas e unidimensionais. No limite, um entre tantos ensinamentos que se pode extrair da análise adorniana do progresso é um grito contra a tendência social poderosa que resulta em forças destrutivas e iminentes recaídas na barbárie, como ocorreu, por exemplo, em Auschwitz.

4 | CONSIDERAÇÕES

O conceito de progresso expressa uma recusa em consagrá-lo apenas em seu aspecto técnico, uma vez que o avanço em direção à humanidade não está dissociado do progresso dos meios e também dele não pode prescindir. Tal perspectiva amplia a compreensão de progresso ao apontar a possibilidade de afastar a catástrofe e como forma de organização racional da sociedade como humanidade.

Assim, é fundamental que se desvelem as contradições históricas e dialéticas do progresso nas tramas do processo de racionalização, com o intuito de não apenas questioná-las, mas, sobretudo, provocar reflexões humanas que contribuam para superar as relações sociais de dominação por meio do esclarecimento das irracionalidades que naturalizam processos de violência, barbárie e destruição.

Como parte dessa tarefa, cabe lembrar o indispensável papel da educação no processo de desbarbarização e edificação de um projeto emancipatório enquanto possibilidade da crítica imanente para enfrentar a regressão que se faz presente na sociedade. Como anunciam Horkheimer e Adorno (1985, p. 9), o pensamento crítico “exige hoje que se tome partido pelos últimos resíduos de liberdade, pelas tendências ainda existentes a uma humanidade real, ainda que pareça impotentes em face da grande marcha da história”. Nesta direção, urge que se lance o olhar indagador sobre as construções históricas, a fim de perceber as contradições, ideologias e determinações que permeiam o progresso e a sua relação com a humanidade.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. **Palavras e sinais: modelos críticos 2**. Trad. Maria Helena Ruschel. Petrópolis: Vozes, 1995a.

_____. **Educação e emancipação**. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995b.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos**. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LASTÓRIA, Luiz A. Calmon Nabuco. Ethos sem ética: a perspectiva crítica de T. W. Adorno e M. Horkheimer. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 22, n. 76, p. 63-75, 2001.

LÖWY, Michael.; VARIKAS, Eleni. A crítica do progresso em Adorno. **Revista de Cultura e Política**. São Paulo, n. 27, p. 201-215, 1992.

OUTHWAITE, William.; BOTTOMORE, Tom. **Dicionário do pensamento social do século XX**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aedes aegypti 203, 204, 205, 206
Amazônia boliviana 239, 240, 244
Análise bioenergética 207, 209, 211, 215, 217
Aprisionamento 141, 144
Autonomia social 10, 11, 21

B

Barbárie 72, 74, 75, 76, 79, 80

C

Cannabis sativa 224, 225, 227, 228, 229, 231, 232, 234, 237, 238
Cantiga de roda de capoeira 95, 97, 98, 100
Cinema 52, 61, 62, 63
Conhecimento 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 12, 38, 43, 47, 48, 52, 53, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 65, 72, 73, 74, 75, 78, 82, 83, 84, 85, 90, 91, 93, 96, 97, 104, 113, 132, 133, 140, 152, 159, 181, 182, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 203, 204, 205, 206, 209, 210, 211, 217, 256, 257, 259, 262, 263
Cultura 10, 12, 21, 24, 25, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 71, 78, 81, 88, 90, 91, 92, 100, 101, 102, 104, 108, 110, 111, 112, 114, 123, 124, 133, 135, 138, 142, 146, 175, 196, 202, 211, 216, 234, 239, 246, 259, 263

D

Darwin 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265
Democratização 124, 130, 132, 157, 257
Desempenho 175, 178, 180, 181, 182, 189, 190, 191, 192, 193, 195, 198, 262
Dialética 55, 56, 72, 73, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 160, 221
Dignidade 60, 109, 122, 153, 161, 224, 225, 226, 227, 229, 230, 232, 234, 235, 236, 237
Direito 23, 24, 27, 28, 51, 60, 61, 62, 63, 74, 93, 109, 116, 117, 118, 119, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 135, 149, 150, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 166, 167, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 235, 236, 237, 238, 264
Direito à saúde 224, 225, 227, 228, 229, 230
Diversidade 25, 26, 47, 50, 53, 82, 104, 105, 110, 124, 130, 133, 139, 172, 174, 194, 260, 262

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 23, 38, 46, 49, 50, 74, 75, 76, 80, 81, 89, 92, 101, 102, 103, 104, 110, 111, 114, 116, 118, 122, 123, 127, 130, 131, 132, 133, 139, 140, 155, 156, 161, 180, 181, 192, 193, 195, 196, 198, 201, 203, 204, 205, 206, 237, 257, 259, 260, 264, 265, 266

Efeito autorreflexivo 51, 53

Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 18, 19, 33, 40, 46, 47, 48, 49, 50, 92, 102, 103, 104, 110, 111, 114, 135, 180, 181, 182, 183, 186, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 205, 206, 223, 256, 257, 258, 259, 261, 262, 263, 264, 265, 266

Ensino de matemática 196, 201

Ensino virtual 1

Equidade racial 102, 103

F

Felicidade 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71

Feminismo 82, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 123

Ferramentas digitais 1, 3, 5

Filosofia 51, 52, 53, 54, 60, 61, 62, 63, 71, 73, 92, 94, 136, 140, 153, 161, 212, 216, 226, 237, 245, 264, 265

G

Gastronomia 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202

H

História 33, 40, 42, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 71, 76, 77, 78, 80, 88, 91, 92, 97, 98, 99, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 112, 114, 117, 125, 127, 136, 137, 138, 147, 150, 152, 153, 194, 195, 199, 213, 214, 240, 246, 249, 252, 257, 262, 263, 265, 266

I

Identidade 18, 25, 27, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 50, 82, 88, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 106, 107, 108, 109, 110, 114, 134, 135, 138, 139, 140, 142, 147, 159, 174, 213, 239, 240, 242, 243, 244, 245

Igualdade de gêneros 116, 117, 119, 122, 127

Índigenas 24, 25, 26, 29, 39, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 104, 184, 185, 211, 246

Interdisciplinaridade 194, 204, 206

Isonomia 116, 117, 118, 119, 122, 123, 125, 127

L

Legalização 224, 228, 229, 232, 233, 234, 235, 236, 237

M

Matrix 51, 52, 53, 54, 56, 57, 60, 61, 63, 102

Memórias 59, 92, 95, 96, 97, 106, 113, 133, 141, 146, 148

Memória social 141, 146, 147

Moradia 32, 103, 153, 154, 155, 157, 158, 163, 164, 165, 166, 169, 170, 172, 176, 179

Mulheres 20, 32, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 105, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 145, 146

N

Negras 49, 82, 84, 87, 88, 89, 95, 96, 98, 100, 102, 104, 105, 106, 107, 108, 110

Negros 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 49, 95, 96, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 181, 184, 191

P

Paisagem cultural 239, 240, 242, 243, 244

Participação popular 149, 150, 155, 158, 159, 160, 161, 247, 253, 254

PIBID 203, 204

Pluralismo cultural 130, 131, 132, 133

Política externa 247, 248, 250, 251, 252, 253, 254, 255

Políticas públicas 23, 24, 25, 27, 31, 92, 113, 117, 118, 123, 124, 127, 128, 129, 143, 149, 150, 155, 156, 158, 159, 160, 162, 164, 168, 178, 191, 210, 244, 249, 260

Progresso 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 125, 196

Projeto cariño 10

Q

Qualidade de vida 12, 118, 208, 222, 224, 225, 231, 234, 235

R

Raça 44, 46, 84, 87, 88, 89, 90, 92, 93, 99, 100, 106, 114, 138, 180, 181, 184, 185, 189, 190, 191

Racismo 49, 84, 89, 102, 103, 105, 111, 112, 113, 114, 125

Regressão 72, 74, 75, 76, 79, 80, 156, 182, 187

Reiki 207, 208, 209, 210, 211, 212, 216, 217, 218, 220, 221, 222, 223

Renda familiar 180, 182, 186, 187, 188, 189, 190, 191

S

SARESP 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192

Seringais 239, 240, 241, 242

Subjetividades 102, 104, 105, 106, 108, 113, 130, 131

Sujeito social 130, 131

Sustentabilidade 10, 11, 12, 19, 20, 21, 22, 173, 176

T

Teoria da evolução 256, 258, 262, 264

Toque terapêutico 207, 209, 210, 211, 212, 215, 216, 218, 219, 220

Transformações sociais 1

Transitoriedades 130, 131, 139

Transversalidade 124, 203, 204, 205, 206

Tutela constitucional 116, 126

U

Urbanização 74, 149, 150, 153, 154, 155, 158, 159, 160, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 176, 177, 178

V

Vale do Jequitinhonha 23

Virtude 5, 9, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 76, 77

CIÊNCIAS HUMANAS:

Uma nova interpretação
para um conceito comum



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



[facebook.com/atenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/atenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021

CIÊNCIAS HUMANAS:

**Uma nova interpretação
para um conceito comum**



www.arenaeditora.com.br



contato@arenaeditora.com.br



[@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)



[facebook.com/arenaeditora.com.br](https://www.facebook.com/arenaeditora.com.br)

Atena
Editora

Ano 2021